

GAZETA MERCANTIL

Anistia desvaloriza ações do setor financeiro e puxa índice

JUL 1988

por Maria Christina Carvalho
de São Paulo

Apesar de ainda confuso em relação aos reais efeitos sobre a economia e os bancos da anistia da dívida dos microempresários, o mercado de ações paulista acabou fechando ontem melhor do que se esperava.

A Bolsa de Valores do Estado de São Paulo (Bovespa) chegou a cair 3% na primeira metade do pregão, com o índice cedendo abaixo dos 69 mil pontos. Mas foi-se recuperando posteriormente, fechando nos 70.372 pontos, com a desvalorização reduzida para 0,8%.

O volume negociado recuou para CZ\$ 7,15 bilhões, mas ainda assim foi expressivo, com 260,75 milhões de títulos trocando de mãos. A indecisão inicial dos operadores refletiu-se nos negócios que, após uma hora de pregão, ainda eram inferiores a CZ\$ 1 bilhão.

A sessão começou com uma forte pressão vendadora sobre os papéis de bancos e o mercado em geral, com os investidores preocupados com os efeitos da anistia da dívida dos pequenos e médios empresários rurais e urbanos, prejudicados pelo Plano Cruzado. Os analistas tentavam avaliar quanto os bancos perderiam e como a anistia em si afetaria a condução da política econômica.

Várias fontes consultadas ainda não tinham feito uma avaliação precisa na tarde de ontem; mas, ainda durante o pregão, o movimento dos operadores e investidores sugeriu que as perdas não seriam tão pesadas como se imaginava inicialmente, pois a anistia veio com alguns limites em relação ao valor das dívidas sujeitas ao benefício e ao porte dos empresários rurais atingidos pela medida.

Influuiu também no certo otimismo que circulou pelo mercado no final da manhã a notícia de que a Fazenda já estava tomando medidas paralelas, como o corte no custeio agrícola e a suspensão dos programas de apoio às microempresas.

Como reflexo direto disso tudo, as ações de bancos, apesar de fecharem em queda, apresentaram pre-

ços melhores do que os registrados na abertura dos negócios. Banco do Brasil PP C60, que chegou a abrir a CZ\$ 330,00 e a cair até CZ\$ 328,00 na média, fechou a CZ\$ 342,00, com queda de 5%; Banespa PP C51, após abrir a CZ\$ 10,50, fechou a CZ\$ 11,40 com queda de 1,7%; e Real PN, que abriu a CZ\$ 67,80, fechou estável em CZ\$ 68,00.

Mas Bradesco PN, da abertura em CZ\$ 50, caiu para CZ\$ 49,50 no fechamento, 6,6% abaixo da cotação do dia anterior; Itaú-banco PN, que abriu a CZ\$ 39,00, teve o preço médio cotado a CZ\$ 36,38 e fechou a CZ\$ 38,00, com desvalorização de 2,5%; e Unibanco PNA, da abertura em CZ\$ 21,50, recuou no final para CZ\$ 21,00, 2,8% abaixo do pregão anterior. A maior queda do Índice Bovespa, porém, foi Banco do Brasil ON, desvalorizada em 13,6%, para CZ\$ 190,00.

As decisões do Conselho Monetário Nacional (CMN) acabaram não registrando um impacto substancial no mercado de ações. O aumento da tributação no "open market", embora possa ter um impacto psicológico inicial favorável à aplicação em ações, na prática deverá ser compensado por uma elevação no juro, como já ocorreu em outras vezes,

lembraram os operadores. Além disso, só entrará em vigor em setembro.

Analistas mais cautelosos a curto prazo justificam sua postura pelo fato de o mercado estar bastante estreito — com poucos participantes —, o que está favorecendo a ação dos grandes especuladores. Isso vem ocorrendo principalmente no mercado de índice futuro Bovespa, negociado na Bolsa Mercantil & de Futuros (BM&F). Os contratos para agosto acabaram subindo 1,1% ontem, para os 88,8 mil pontos. Foram negociados 29,39 mil contratos, com um volume financeiro de CZ\$ 12,8 bilhões.

A mesma oscilação observada nos papéis de bancos atingiu as principais "blue-chips". Paranapanema PP C65 acabou fechando em alta de 0,9%, a CZ\$ 31,40, depois de ter aberto a CZ\$ 30,00. Petrobrás PP C54 ficou estável em CZ\$ 605,00, apesar da abertura em CZ\$ 590,00. A maior alta do índice foi Suzano PP, que já se havia valorizado 7,6% na quarta-feira e ontem subiu mais 9,1%, para CZ\$ 535,00, com a notícia de que receberá o aporte de US\$ 60,4 milhões, via conversão da dívida, do banco americano Manufacturers Hanover.

(Ver cotações na página 25)